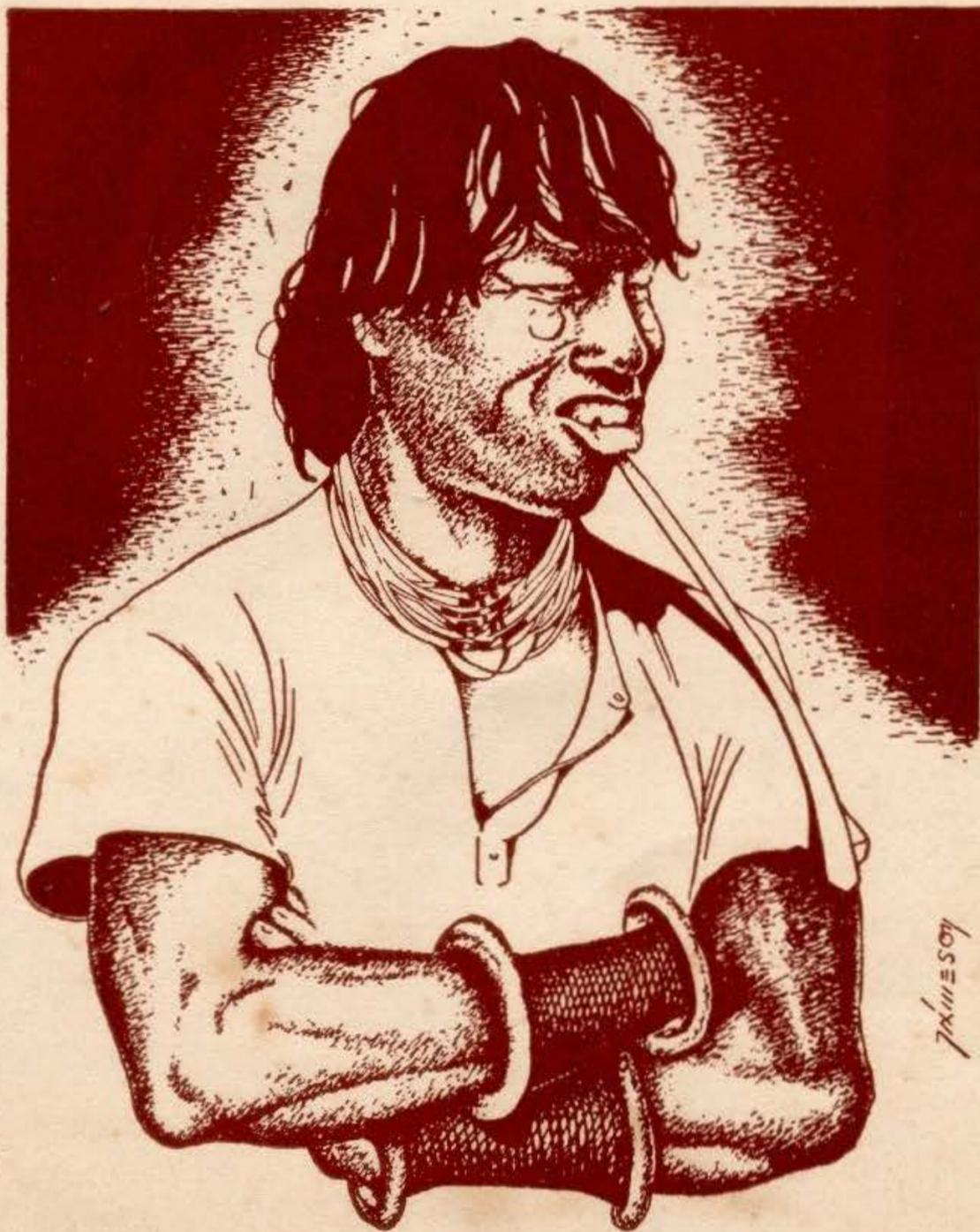


Frei LUIZ PALHA O.P.

# ENSAIO de GRAMÁTICA E VOCABULÁRIO da Língua Karajá

FALADA PELOS INDIOS REMEIROS DO RIO "ARAGUAIA"



1942

Frei LUIZ PALHA O. P.

**ENSAIO DE GRAMÁTICA  
E VOCABULÁRIO  
DA LINGUA KARAJÁ**

FALADA PELOS INDIOS  
REMEIROS DO RIO "ARAGUAIA"

*Renato Nicolai*

1942

|||



Rio, 17 de Junho de 1940.

**DO 1.º CONGRESSO CULTURAL BRASILEIRO  
PROMOVIDO PELO  
INSTITUTO BRASILEIRO DE CULTURA**

Exmo. Snr. Frei Luiz Palha.

Tenho a honra de enviar-lhe por este meio, em nome do Instituto Brasileiro de Cultura e no da Comissão Executiva do 1.º Congresso Cultural Brasileiro”, e no meu próprio, o meu profundo agradecimento pela maneira brilhante por que o ilustre patricio cooperou para o êxito do referido Congresso Cultural com a sua luminosa tése sobre “Ensaio de Gramática do Idioma Karajá”.

A referida tése foi unanimemente aprovada, pela respectiva comissão com justos e altos encomios. Será inserida nos anais, que serão publicados oficialmente, conforme declarações do Exmo. Snr. Presidente da República, quando recebeu, no Palácio do Catete, os membros do Congresso Cultural Brasileiro, e do Exmo. Snr. Ministro da Educação e Saúde, Dr. Gustavo Capanema.

Aproveito o ensejo para felicitá-lo por aquele notavel trabalho e reafirmar a V. Excia. os meus protestos de muita estima e distinta consideração, subscrevendo-me compatricio e admirador.

(a.) A. SABOIA LIMA  
Presidente



## ENSAIO DE GRAMÁTICA DO IDIOMA KARAJÁ

Por Frei Luiz Palha, O. P.

### P A R E C E R

O exame de um trabalho como este apresentado por Frei Luiz Palha "Ensaio de Gramática do Idioma Karajá", só pode ser feito, a fundo, por mestres de filologia ou de etnologia. Não somos nem filólogos nem etnólogos. Mas o estudo comparativo do trabalho apresentado demonstra o acerto dos métodos empregados por Frei Luiz, sua acurada e profunda erudição, servida por prolongadas e pacientes observações. Frei Luiz Palha com esse ensaio erudito trouxe uma contribuição de grande vulto aos estudos de etnologia brasileira, colocando-se à altura dos que se têm ocupado de estudos semelhantes: Frei Francisco dos Prazeres, Dr. Freire Alemão, Braz da Costa Rubim, Couto Magalhães, Batista Caetano e Teodoro Sampaio. Para bem se aquilatar o valor dos estudos desta natureza, basta que se considere a predominância da língua tupí até o comêço do século XVIII e, mesmo até muito depois, em certas zonas do território nacional. Mas, mesmo quando o português se tornou a língua principal, conservaram-se das línguas indígenas, ainda os nomes de instrumentos, de plantas, de animais e "as denominações geográficas que refletem, por assim dizer, o caráter de uma região ou fazem lembrar as lendas dos espíritos bons e maus das florestas, dos rios, e dos campos".

Nas observações preliminares de seu trabalho procura Frei Luiz assinalar as regras da língua Karajá que é o idioma falado pelos índios ribeirinhos do rio Araguaia, dispersos pelas praias desde o Rio Vermelho até a Cachoeira Grande de Santa Izabel e falado também pelos Javaés da grande ilha fluvial de Santana do Bananal.

Salienta a seguinte peculiaridade: "Tem a mulher karajá um modo diverso de falar, diferente do homem karajá.

Trata-se de curiosa singularidade, manifesta, tanto nos vocábulos como na própria construção das frases:

- a) Na formação das palavras, a mulher karajá intercala invariavelmente um (k) que se não descobre na pronúncia dos homens.

b) Em mais, na construção da frase aparece uma estrutura própria da linguagem empregada pela mulher karajá.

Nota-se nas frases do linguajar feminino uma partícula — “no” —, eufonica talvez, que não se vislumbra na frase enunciada pelo homem.

Procurando explicar essa particularidade original o autor da tese diz o seguinte: I) “Não sabemos a que atribuir esta anomalia, quiçá bem rara na história linguística humana. Quer-nos parecer que tal particularidade teria origem na real influência exercida pela mulher nesse povo índio Karajá. A mulher é rainha na tribo, e como tal é tratada. Teria ela por isso adotado um modo singular de elocução a ela só reservado? II) — Por outra, dada a suposição de origem “KARAIBA” atribuída a nossos Karajás, vem a pêlo indicar a seguinte anotação de Mons. Massa Prelado do Rio Negro, no seu livro: “Pelo Rio Mar”: Eram os karaibas uma tribo de piratas canibais que infestavam as Antilhas, escravizando os aruais. As mulheres, em sinal de protesto conservaram a sua língua vernácula, originando-se daí o dualismo linguístico que foi encontrado mais tarde”.

Essa predominância da mulher, na vida da tribo karajá, continua ainda e tem sido observada pelos que ultimamente, tem visitado o sertão do Araguaia.

Em seu ensaio, além das regras da língua karajá, acrescenta Frei Luiz um vocabulário precioso, em cuja formação predominam a imaginação poética dos indígenas e a curiosa comparação com fatos naturais que se sucedem no meio em que vivem. A nomenclatura dos meses, é disto um exemplo. Vejamos Janeiro: mayba — que quer dizer: “tempo do milho verde”.

Fevereiro — bae ba ra — que significa: “tempo em que as águas pararam”.

Março — bae reti — que quer dizer: “tempo em que as águas começam a baixar.

Abril — ue ra — que diz: “já (tem) praias”.

Agosto — bedera dereka — literalmente “a fumaça é grande” (tempo das queimadas).

E assim por diante.

A grande facilidade de criar neologismos aliada a fantasia poética permite exemplos como estes:

Barco a gasolina: — Reotti lauo — literalmente: “canôa de fogo”.

Garrafa: — Iueru ijuberele rena — literalmente: “casinha da cachaça” (cauin karajá).

Lampada elétrica; — Taina ni — literalmente: “parecido com estrela” (casinha do fogo).

Consoante a opinião dos doutos no assunto, a grande dificuldade, a tarefa principal consiste na identificação do vocábulo primitivo, isto é, no encontro de forma escrita que o represente,

fixando-lhe os sons próprios, essa dificuldade foi galhardamente vencida por Frei Luiz no Ensaio de Gramática Karajá, de acôrdo com o sistema que adotou e que figura à página 3 de sua tése.

Repetimo-a: a tése de Frei Luiz é uma valiosa contribuição à ciência etnológica brasileira. Demonstra ainda que os religiosos, desta ou daquela ordem, continuam no sertão as tradições dos missionários que tanto serviço teem prestado ao Brasil. Em paragens longínquas os dominicanos continuam essas tradições, e entre eles Frei Luiz, autor do trabalho que estamos examinando.

Lendo a tése, trabalho de erudição e conhecendo estes fatos, sentimos como palpita acêso ainda, em tantos corações, o sonho de Frei Domingos, o fundador da Ordem quando em 1203, em Toulouse idealizou a reunião de devotados servidores da verdade cristã para defendê-la e difundí-la pelo mundo, com as armas da sabedoria e do sacrifício. Conta-se que certa vez Frei Domingos defrontando-se com uma assembléia de letrados albigenses, não conseguiu fazer prevalecer, contra a do mais illustre desses, a sua tése. Por proposta do fidalgo e herege que presidia a assembléia, foram as suas téses atiradas a uma fogueira. A verdadeira seria respeitada pelas chamas. Em outro plano, apesar da modéstia dos recursos filológicos e etnológicos dos encarregados de examinar a tése de Frei Luiz Palha, esta para provar a profundidade de sua erudição e acerto, não necessita um argumento tão convincente, pois constitue, esperamos que na opinião do Congresso, uma contribuição tão rica a nossa etnologia como é humana e patriótica a ação abnegada desses missionários em prol da civilização, nos sertões do Brasil.

Rio de Janeiro, 27 de Maio de 1940.

J. MONTEIRO SOARES FILHO  
WALDEMAR DE VASCONCELLOS



## ENSAIO DE GRAMÁTICA KARAJÁ

### OBSERVAÇÕES PRELIMINARES:

Grande dificuldade encontra quem empreende fixar por escrito, língua desconhecida e bárbara. Não depara com monumento algum escrito nas tradições da raça. E' mister tudo tentar por si mesmo, interrogando em temp e a contratempo, notar, apagar dez vezes, nomes que se julgava definitivamente certos.

Tencionamos assinalar aqui o que chamaremos: "regras da língua karajá".

A frequência do emprêgo de identicas fórmulas, de combinações determinadas de palavras, nos levaram a considerar como normas de linguagem, certas particularidades de elocução karajá.

As indicações aqui notadas concernentes ao idioma karajá foram colhidas no convívio dos índios por espaço de dez anos de vida, em meio das tabas karajás.

A língua karajá é o idioma falado pelos índios ribeirinhos do grande rio Araguaia, dispersos pelas praias, desde o rio Vermelho até a Cachoeira Grande de Santa Isabel. E' falada também pelos Javahés da grande ilha fluvial de Santana do Bananal.

Possue a língua karajá uma particularidade original que convem de logo assinalar:

Tem a mulher karajá um modo diverso de falar, diferente do homem karajá.

Trata-se de curiosa singularidade, manifesta, tanto nos vocábulos como na própria construção da frase:

- a) Na formação das palavras, a mulher karajá intercala invariavelmente um (k) que se não descobre na pronúncia dos homens.
- b) Em mais, na construção da frase aparece uma estrutura própria da linguagem empregada pela mulher karajá. Nota-se nas frases do linguajar feminino uma par-

ticula — “no” —, eufonica tal vez, que não se vislumbra na frase enunciada pelo homem. (1).

Tem a língua karajá grande rudeza de som. E' também muito rica de tons diversos, curiosos até. Encontramos nela, e bem vezes, um ditongo em tudo semelhante ao “eu” francês; vemos nela aparecer o “tce” italiano e uma gutural por demais parecida com o “jota” espanhol.

O “Antropos Alphabet” nos prestou grande auxílio na fixação dos sons da linguagem karajá.

Não marcaremos o acento tonico, que se encontra quasi sempre na última silaba. Só o indicaremos em certos vocábulos raros (e nas desinencias verbais) nas quais o acento tonico recúa bem vezes até a quarta silaba antes da última.

Empregaremos, nessas eceções o sinal (') para indicar o acento tonico.

---

(1) Não sabemos a que attribuir esta anomalia, quiçá bem rara na história da linguística humana. Quer-nos parecer que tal particularidade teria origem na real influênciã exercida pela mulher nesse povo índio Karajá. A mulher é rainha na tribo, e como tal é tratada. Teria ela por isso adotado um modo singular de elocução, a ela só reservado?

Por outra, dada a suposição de origem “karaiba” attribuida a nossos Karajás, vem a pêlo indicar a seguinte anotação de Mons. Massa, Prelado do Rio Negro, no seu livro: “Pelo Rio Mar”: Eram os karaibas uma tribo de piratas canibais que infestavam as Antilhas, escravizando os aruacs. As mulheres, em sinal de protesto conservaram a sua língua vernácula, originando-se daí o dualismo linguístico que foi encontrado mais tarde”.

Martius assevera que todos os nomes de tribus prefixadas de “k”, “kare”, ou “kari” — indicam provavel afinidade karaiba.

## O ALFABETO KARAJÁ

Compõe-se o alfabeto karajá das seguintes letras:

### As VOGAIS:

a	ã	ḁ	ā	Ḃ
e	ē	ē̄	ẹ	
i	î	ï		
o	õ	ō	ö	ō
u	ũ	ü		

- a — sôa como em “Patria”, (port.)  
ã — nasal (an)  
ḁ — muito aberto, como em “lâche”, (franc.)  
ā — equivale ao som “o” aberto, como em “cipó” português  
Ḃ — vale o som de “e” aberto italiano de “bello”.  
e — representa o “é” francês, como em “donné”, ou o “ê” de — “você”.  
ē — corresponde ao “é” português de “fé”.  
ē̄ — nasal, com o som firme da nasal francesa — “pain”.  
ẹ — representa o som francês do monosilabo “me”, “te”.  
e’ — com essa grafia queríamos assinalar um som da língua karajá parecido com o som da pronuncia do “que” francês, mas seguido de uma aspiração forte, na qual se percebe um “r” gutural surdo.  
i — sôa como o “i” de “bem-te-ví”.  
î — parecido com o “e” mudo, francês, ou com o inglês: “fische”.  
ï — tem o som do “e” mudo francês, seguido de forte aspiração.  
o — como em “avô”.  
õ — como em “dom”.  
ō — representa o “o” aberto de “dormir” (francês) ou na palavra “forte” (port.).  
ö — tem o som francês “eux”.  
ō — corresponde ao som francês “eur”, de “demeure”.  
u — como em “tudo”.  
ũ — nasal, — “comum”.  
ü — como “u” francês de “vertu”.

## As CONSOANTES :

As consoantes: “b, k, m, n, p,” têm o mesmo valor que em português.

- č — vale o “tche” italiano de lucente.
- h — marca sempre uma aspiração forte e acentuada.
- g — é sempre gutural, como em “foguete”.
- ǰ — se pronuncia “dj”.
- ñ — corresponde ao “gn” francês, nasal — “signe”.
- ɾ — tem um som entre “r” e “l”.
- r — como em “Pará”.
- ř — gutural, forte, com uma aspiração marcada. (Som próprio ao Karajá.) Parece-se com o som do “j” espanhol.
- s — conserva o som que tem no início dos vocábulos, como em “sábio, sêr”, mesmo no meio das palavras, entre duas consoantes. Assim diremos: esõde (essondé).
- š — tem o som de “ch” como em português “chave”.
- ṣ̌ — tem o som de “ts”.
- ṣ̣̌ — possui uma entoação que se parece com a de “s” simples, porém mais suave. Percebe-se um “ts” que deslisa e expira.
- ʈ — é o “t” cum occlusione laryngali do Padre Schmidt, que se pronuncia como si formasse ele só, uma sílaba juntamente com um “e” mudo” disfarçado, e mais forte do que esse “e” da conjunção francesa “que”.
- y — corresponde ao “y” do francês: “yeux”.
- z — tem o valor de “j” português: “já”.
- ’ — depois de uma consoante indica a existência de um “e” mudo, apenas perceptível, próprio do Karajá.
- ’ — depois de uma vogal indica uma aspiração forte, gutural, antes e depois da vogal, particularidade notável da língua, na elocução de certos vocábulos.

Consoantes geminadas indicam o som muito forte da letra duplicada.

## ESTUDO GRAMATICAL

### O NOME

a) — **Sintáxe do Nome.** Não consegui descobrir artigo propriamente dito, no idioma karajá.

Convem notar o costume da língua de enunciar quasi sempre os substantivos precedidos de um pronome possessivo: "ua", — meu, etc.

b) — **Genero.** O idioma karajá não conhece terminação especial diferente para indicar o genero dos animais.

Possuindo apenas um vocábulo para indicar o masculino e o feminino em cada espécie, só pode determinar o genero empregando após os nomes específicos, os termos: "abu, aue" — que quer dizer: "homem e mulher".

ex.:

oṛosa ābu — cachorro (masc.).  
oṛosa āue' — cachorra.

c) — **Número.** Não possuindo sufixo para marcar o plural, o índio karajá indica a quantidade de objetos enunciados pelo substantivo, empregando a palavra: "soē" — "muitos, vários".

ex.:

otuni soē — muitas tartarugas.

d) — **Relação.** 1) — A relação de coisa possuída ao possessor é indicada, anunciando-se primeiro o nome do possessor e juxtapondo-lhe, em seguida o nome do objeto possuído.

Ex.:

Ariana oṛosa — O cachorro de Arianá.  
oṛosa tuoru — A cauda do cachorro.

2) — A relação de um objeto à materia donde é tirada ou ao lugar donde provem, etc., exprime-se de modo idêntico. Em primeiro lugar, enuncia-se o nome da materia, do lugar, e se lhe juxtapõe o nome do objeto com que é feito, ou donde provem.

Ex.:

May uerú — O cahuim (bebida karajá).  
May — é: — milho.  
Uerú — é: — bebida.

Āro rerú — Corda de embaúba.

Āro — é: — embaúba.

Rerú — é: — corda.

e) — **Formação de palavras novas.** Como todo índio das nossas terras do Norte, possui o Karajá senso desenvolvido do neologismo. Sem hesitação, forma nomes novos, com facilidade admirável. É notável o fato, sobretudo quando se trata de dar uma apelação karajá a um objeto que o selvícola avista pela primeira vez e que não encontra vocábulo para o designar nos anais da língua.

Juxtapõe então substantivos a substantivos, ou verbos a adjetivos e até preposições a nomes conhecidos e forma um amalgama sempre grandemente curioso.

Assim para o Karajá a garrafa vem a ser:

— Iueru ijuberēle reṇa.

Literalmente: “a casa da cachaça”.

Uerú — é — o cahuim.

Ijuberēle — é — azedo ou muito forte.

Reṇa — é casa. (ou no exemplo — “recipiente”).

Notei, a esse respeito, o emprego de uma partícula “ni” que significa: “como si”, bem vezes usada na formação de nomes novos.

Ex.:

Taina-ni, — lampada.

Literalmente:

Taina — estrela.

Ni — semelhante a.

O índio karajá dá aos filhos os nomes mais exquisitos e originais, tomados ora de nomes de animais, ora de árvores, e até mesmo, às vezes, de interjeições.

No mais das vezes provêm esses nomes, de animais da mata e de peixes.

Ex.:

Uašure — anta pintada.

Kukuši — lagarticha.

Čimonia — arroz.

Mãbiore — (interjeição) ai! ai!, ora essa!

## O ADJETIVO

a) — **Genero e número.** O adjetivo em karajá é invariável, totalmente extranho a toda flexão de genero e número.

b) — **Logar. Posição.** O adjetivo segue sempre a palavra que qualifica. Parece regra geral no idioma karajá. Até mesmo o adjetivo numeral e o adjetivo demonstrativo se acham sujeitos a essa norma geral.

Ex.:

**Matei lindos passarinhos.**  
Nãui ãuititire arirubúna.

Nãui — passarinhos.  
ãuititire — lindos muito.  
arirubúna — matei.

c) — **Gráo de qualificação.** Em karajá o gráo superlativo é marcado por “titire”.

Ex.:

**Velho — (adjetivo) — tẽbe’.**  
**Velhissimo — tẽbe titire.**

O comparativo se forma com “titire” e “rebi”, (do que).

Ex.:

**O pirarucú é maior que os demais peixes.**  
Bedoleke tẽbere titire kturã rebi ibutũ.  
Literalmente: Pirarucú grande muito peixe que todos.

**Minha casa é mais bela que a tua.**

Uã řetto ã řetto rebi ãuititir.  
Literalmente: Minha casa tua casa que muito bela.

**Teu arco é mais bonito que o meu.**

I řiurate uã rebi ãuititire.  
Literalmente: Teu arco o meu que muito bonito.

**Minha canôa é mais pequena que a tua.**

Uã lãuo ãrebi iuřare ã lãuo.  
Literalmente: Minha canôa que pequena tua canôa.

## O ADJETIVO NUMERAL.

Os índios karajás que se encontram em relação com os civilizados chegam a contar até elevado número. Mas regularmente os velhos karajás contam dificilmente até 10. Chegam muitos até 20.

A partir de 5 empregam o nome “d̄ab̄o” que significa “mão” (ou 5 dedos) acrescentando para os números subsequentes: “sořod̄fre”, “nāti”, etc.

Ex.:

Um — sořod̄fre.  
Dois — nāti.  
Três — nātã.  
Quatro — inãbiōa.  
Cinco — irúre.

Seis — d̄ab̄o sořod̄fre (minha mão, mais um.).  
Sete — d̄ab̄o nāti (minha mão, mais dois, etc.).  
Oito — d̄ab̄o nātã.  
Nove — d̄ab̄o inãbiōa.  
Dez — d̄ab̄o ituêra (literalm. “acabaram-se as mãos).

A partir de dez (10), o índio karajá conta fazendo menção dos dedos do pé: “ua ā” — “meu pé”.

Ex.:

Onze — ua ā sořod̄fre (meus pés mais um — dedo).  
Doze — ua ā nāti, etc. (meus pés mais dois dedos, etc.).

A partir de 20, o número se exprime por “soẽ” titire”, muito muito.

## O ADJETIVO POSSESSIVO

Na linguagem karajá, nota-se de logo, o índio nunca enuncia um vocábulo sem um possessivo. Não diz: canôa, mas minha canôa.

Ex.:

Ua d̄ab̄o — o dedo. (meu dedo).  
Ã d̄ab̄o — teu dedo. (A bo, dizem às vezes, abreviando).  
Te b̄o — dele dedo. (cf. Vocabulário.)

## O PRONOME PESSOAL

Existe no idioma karajá um pronome diferente para cada pessoa do singular e do plural.

Singular:

Dearã — eu.  
Kai — tu.  
Teki — ele ou ela.

Plural:

Inã bo iboño ibutũ — nós (todos nós).

Kai iboño ibutũ — vos (todos vós).

Teki iboño ibutũ — eles (todos eles).

## O VERBO

Possue o idioma karajá um sistema de conjugação de verbos bastante complicada.

Conforme as observações já feitas em várias gramáticas de dialetos índios, verifica-se que a maioria desses idiomas não possui conjugação propriamente dita.

O verbo exprime nessas línguas uma ação, como se a executa, ou um estado. O verbo permanece, de si, extranho a toda idéia de tempo, de pessoa e de modo. Os acidentes de tempo, de pessoa, de número são marcados, o mais das vezes, sinão mesmo sempre, por particulas diferentes, juxtapostas ao verbo.

Na língua karajá, porém, deparamos com uma estrutura de verbos muito mais complicada.

Existe uma conjugação karajá. Bastante difícil a fixar por escrito.

Constatamos a existência de três modos: INDICATIVO, IMPERATIVO, INFINITO. No INDICATIVO existem três tempos: Presente, Passado e Futuro.

Exemplos:

VERBO — Biroškre. (Comer).  
(Modo de falar dos homens).

### INDICATIVO

#### Presente

Eu como .....	dearã arirókre
Tu comes .....	kai kirókrē
Ele como .....	teki rirókre
Nós comemos .....	Inã bo ibutũ rirorénera
Vós comeis .....	kai bo ibutũ rirorénera
Eles comem .....	teki bo ibutũ rirorénera.

#### Pretérito

Eu comi .....	dearã reróra
Tu comeste .....	kai teróta
Ele comeu .....	teki riróra
Nós comemos .....	inã bo ibutũ rirorénera
Vós comestes .....	kai bo ibutũ terotenęta
Eles comeram .....	teki bo ibutũ riroréne řa.

**Futuro**

Eu comerei .....	dearã adirošřkre
Tu comerás .....	kai ridirošřkre — (řa), (1).
Ele comerá .....	teki ridirošřcre — (řa)
Nós comeremos .....	inã bo ibutũ ridirošřkre - (de- nekre)
Vós comereis .....	kai bo ibutũ rirošřkre - (nekre)
Eles comerão .....	teki bo ibutũ rirošř re- (nekre)

**IMPERATIVO**

Coma tu .....	Biroši
Comei vós .....	Biroši ibutũ.

.....  
 (1) — Essas desinencias entre parentesis aparecem na lingua-  
 guagem do índio, quando fala interrogado. No falar costumeiro  
 raramente aparece a gutural sila: — “řa”.

**VERBO — Roro. (Morrer)**

**INDICATIVO**

**Presente**

(No modo de falar dos homens:)

Eu morro .....	dearã arurúkcre
Tu morres .....	kai rurúkcre
Ele morre .....	teki rurúkcre
Nós morremos .....	inã bo rurúkcre
Vós morreis .....	kai bo rurúkcre
Eles morrem .....	teki bo rurúkcre

(No modo de falar das mulheres:)

	dikarã rarurúkcre
—	kai burúkcre
—	teki burúkcre
—	inã bo ibutũ burúkcre
—	kai bo ibutũ burúkcre
—	teki bo ibutũ burúkcre

**Imperfeito**

(No modo de falar dos homens:)

Eu morria .....	dearã rururéni (řa)
Tu morrias .....	kai rurení (řa)
Ele morria .....	teki rurení (řa)
Nós morriamos .....	inã bo ibutũ rururéni (řa)
Vós morrieis .....	kai bo ibutũ rururéni (řa)
Eles morriam .....	teki bo ibutũ rururéni (řa)

(No modo de falar das mulheres:)

- dikarã rururékúni (řa)
- kai rurékúnire (řa)
- teki rurékúnire (řa)
- inã bo ibutũ rurékúni (řa)
- kai bo rurékúni (řa)
- teki bo ibutũ rurékúni (řa)

Futuro

(No modo de falar dos homens:)

Eu morrerei . . . . .	dearã aridurúk्रे
Tu morrerás . . . . .	kai bedurúk्रे
Ele morrerá . . . . .	teki burúk्रे
Nós morreremos . . . . .	inã bo ibutũ buru benék्रे
Vós morrereis . . . . .	kai bo ibutũ buru benék्रे
Eles morrerão . . . . .	teki bo ibutũ buru benék्रे

(No modo de falar das mulheres:)

- dikarã kadurúk्रे
- kai rurúk्रे
- teki rurúk्रे
- inã bo ibutũ rurúk्रे
- kai bo ibutũ rurúk्रे
- teke bo ibutũ rurúk्रे

INFINITIVO

Morrer. . . . .	Roro.
-----------------	-------

**A PROPOSIÇÃO INTERROGATIVA**

A proposição interrogativa parece ser indicada sempre por advérbios em semelhança ao “num” interrogativo da língua latina.

Em todas as frases interrogativas se descobrem dois monossílabos que bem parecem sinais de interrogação na construção dos períodos na língua karajá. São: “am” e “bo”, ou juntos ou separados.

Exemplo:

- Que quer você? — Āmo bo byuikre?
- Que dia partirás tu? — Tiu bo maḱré?
- Quem é você? — Ā mo bo?

## A CONJUNÇÃO

A mulher karajá emprega no seu linguajar próprio uma partícula — “no” que — por princípio — intercala em todas as frases. E’ uso privativo da elocução feminina.

Assim enquanto o homem karajá diz:

Uariore maysumũ bedeõ — Meu filho, me dá o arroz.

A mulher diz a mesma frase do seguinte modo:

Ua rikore makisumũ no bedeõkre.

## O ADVERBIO

O adverbio modifica o verbo, o adjetivo ou outro adverbio. Coloca-se comumente após o nome que modifica.

Exemplo:

Partirei hoje mesmo.

Dearã arákre uydile

Adverbios de tempo:

Uydile . . . . .	hoje
Berabi . . . . .	depressa
Içe mona . . . . .	logo
Rudibe mã . . . . .	cedinho
Uima . . . . .	devagar
Ru’ mã . . . . .	de noite
Aõkõr . . . . .	nunca



**VOCABULÁRIO KARAJÁ**

Colhido dos labios do índio remeiro  
das praias araguaianas

O som dos vocábulos foi fixado de acôrdo com o sistema convencional exarado no começo deste trabalho. (Cf. pg. 11).



23

## V O C A B U L Á R I O   K A R A J Á

Língua . . . . .	doꝛoṭā
Boca . . . . .	ra ṓ
Lábio superior . . . . .	suu
Lábio inferior. . . . .	ḵeṭi
Dente . . . . .	ḵuu
Nariz . . . . .	de'aṣā
Narinas . . . . .	de'aṣā ua
Olho . . . . .	ruḷ
Orelha . . . . .	nōṛōṭi
Ouvido . . . . .	nōṛōṭi rurena
Rosto . . . . .	o (1)
Fronte . . . . .	oru
Cabeça . . . . .	ra a
Craneo . . . . .	ṛaṭi ṭeḃō (2)
Sobrancelhas. . . . .	ruṣe
Barba . . . . .	ḵuṭeṣeri
Queixo . . . . .	ḵoṣiri
Ombros . . . . .	āṣiōṭi
Braço . . . . .	ṣiōṭi
Anti braço . . . . .	deāṛ'ute
Cotovelo . . . . .	deoru
Mão . . . . .	ḃaḃo
Dorso da mão . . . . .	ḃaḃo ṛ'atī
Palma da mão . . . . .	ḃaḃo ube
Dedo . . . . .	ḃaḃo
Polegar . . . . .	ḃaḃo ḵuṛu ṛeḃā
O indicador . . . . .	ḃaḃo biaḃo
O médio . . . . .	ḃaḃo ṭ'a ḷeḃo
O anular . . . . .	ḃaḃo ṛiṛusi
O mínimo . . . . .	ḃaḃo riore
Unha . . . . .	deṣio

(1) Diz-se: ua o — “meu rosto”.

(2) Literalmente: “osso velho da cabeça”.

    Ra — cabeça

    Ti — osso

    Teḃō — velho

Perna . . . . .	ruti
Joelho . . . . .	mana
Pé . . . . .	ua a (meu pé)
Dorso do pé . . . . .	ua beřeoti
Planta do pé . . . . .	ua ube
Calcanhar . . . . .	ua loro
Corpo . . . . .	ua teke' (3)
Cadaver . . . . .	una
Pescoço . . . . .	loti
Omoplata . . . . .	asiabra
Costelas . . . . .	uiti
Barriga . . . . .	uaa
Pele . . . . .	teke'
Osso . . . . .	te'y
Veia . . . . .	delete
Pulso . . . . .	tedešo
Carne (humana) . . . . .	dæ
Carne (animal) . . . . .	irodu dæ
Coração . . . . .	tedešo
Figado . . . . .	tarli
Cerebro . . . . .	ra uoni (4)
Tripas . . . . .	oeriri
Baço . . . . .	oytiu
Saliva . . . . .	rubesi
Urina . . . . .	adesena
Suor . . . . .	ibeto'
Lágrima . . . . .	rube (5)
Bico de ave . . . . .	juřute
Cauda . . . . .	tuoru
Aza . . . . .	taa
Penas . . . . .	nauiki dæ
Espinhas . . . . .	ktura te' (6)

**Elementos da natureza**

Água . . . . .	bæ
Rio . . . . .	bæ ro (7)
Ribeiro . . . . .	bæ riore (8)
Fôgo . . . . .	řeotti

- (3) Literalmente: — **minha roupa.**  
 (4) Literalmente: "O que está dentro da cabeça". ra — **cabêça**; uoni — **dentro de.**  
 (5) Notar a diferença com "rebe" — **fala.**  
 (6) Te — **osso**; ktura — **peixe.**  
 (7) Literalmente: "água grande". Ro está por **řekã** ou **řekõ** — **grande.**  
 (8) Riore — **pequeno.**

Céu . . . . .	byu-e-teke' (9)
Ar . . . . .	bedeteke'
Fumaça . . . . .	řede
Cinza . . . . .	berēbī
Gravetos . . . . .	ree
Chuva . . . . .	byu
Cerração . . . . .	ruo
Orvalho . . . . .	nōnōe
Vento . . . . .	ōřo
Tempestade . . . . .	ābā
Relampago . . . . .	byu-e-delaka
Trovoada . . . . .	byu maṭa
Lua nova . . . . .	rādo tāmāra (10)
Arco-Iris . . . . .	uadi
Sol . . . . .	tšuu
Sombra . . . . .	ubroro
Sol nascente . . . . .	tšuu ijašiši
Sol ao meio di a. . . . .	tšuu naṛ'atuk naṛatuk
Norte . . . . .	iraṛ'u
Sul . . . . .	iboo (11)
Este . . . . .	byura
Oeste . . . . .	bedebro
Nordeste . . . . .	iraṛ'u berēbī
Sudeste . . . . .	iboo berēbī
Ano . . . . .	uer'a sořodire (12)
Inverno . . . . .	byu beḍa (13)
Sêca . . . . .	uer'a
Dia . . . . .	tšuu (14)
Noite . . . . .	ruu
Manhã . . . . .	rudi
Meio dia . . . . .	tšuu ṭaṭa
A' tarde . . . . .	tšioro (15)
Lua . . . . .	řādo
Lua cheia . . . . .	rādo tī'yri
Estrela . . . . .	taina
Orion (Tau) . . . . .	rāteḍeota
As Pleiades (constelação) . . . . .	lorob'toto (16)

- (9) Literalmente: byu — chuva; teke — pano, pele, tenda. O céu é a tenda, a barraca da chuva.
- (10) Literalmente: rādo — lua; tāmāra — amarela.
- (11) A mulher diz: iboko.
- (12) Literalmente: Uma sêca.
- (13) Literalmente: beḍa — tempo; byu — chuva.
- (14) Equivale a: tšuu sořodire — um sol.
- (15) Contração de: tšuu roro — morreu o sol.
- (16) Literalmente chamado: Sete estrelas.

Estrela d'alva . . . . .	taina reka (17)
Cruzeiro do Sul . . . . .	boro rue (18)
Terra . . . . .	suu
Caminho . . . . .	fero
Monte . . . . .	'aualo
Ilha . . . . .	bedebute
Praia . . . . .	anara
Ferro . . . . .	omati
Ouro . . . . .	omatitamara (19)
Prata . . . . .	dabo auititire (20)

**Casa e utensilios**

Aldeia . . . . .	isa
Casa . . . . .	fetto
Tecto . . . . .	fetto ira (21)
Porta . . . . .	fetto ijo
Janela . . . . .	tserena ((22)
Parêde . . . . .	fetto tera
Banco . . . . .	ranana
Rêde . . . . .	riö
Pano . . . . .	teke (23)
Fuso . . . . .	esodeo
Algodão . . . . .	eso
Lã . . . . .	isira
Roupa . . . . .	te e' (24)
Cesta para o transporte de viveres . . . . .	uarabari
Cesta comum . . . . .	uariri
Esteira . . . . .	bire
Peneira . . . . .	ua tena
Páozinho de tirar fogo	rada
Isca . . . . .	uasi da (25)
Cabaça . . . . .	ualoba
Panela de ferro . . . . .	uatiuy
Prato . . . . .	besu
Machado . . . . .	uoma
Fio do machado . . . . .	uoma ju (26)

- (17) Literal.: **Estrela grande.**  
 (18) Literal.: boro — arraia (peixe) e rue — olho. “Olho de  
 (19) Literal.: **Ferro amarelo.**  
 (20) Literal.: **Anel bonito ou dedo muito belo.** (devido ao  
 (21) Literal.: **A cabeleira da casa.**  
 (22) Quer dizer: “Eu estou olhando”.  
 (23) (24) Te e' é a pronuncia dos homens; teke diz a mulher.  
 (25) Literal.: **Comida para o anzol.**  
 (26) Literal.: **Dente do machado.**

Machado de pedra . . .	uoma maṇa
Colher . . . . .	tori ktara (27)
Garfo . . . . .	teṣe ua
Faca . . . . .	mae'
Pedra de amolar . . . .	ḡuna
Urna funeraria . . . . .	te'y reṇa (28)

Embarcações e armas

Ubá . . . . .	auo
Madeira . . . . .	āuoru
Vapor (barco) . . . . .	reotti lāuo (29)
Travessão (30) . . . . .	(fura)
Cachoeira . . . . .	fura reka
Remo . . . . .	nārii
Guerreiro . . . . .	uodo (31)
Guerra . . . . .	u-o-u
Arco . . . . .	šiuṛ'ata
Corda do arco . . . . .	šiuṛata deoreru
Flecha . . . . .	uōō
Tacape . . . . .	korote
Folha do tacape . . . . .	korote ra
Veneno . . . . .	reḡuna ni (32)
Punhal . . . . .	mae' daṣa
Lança . . . . .	tōnōri
Anzol . . . . .	uaši
Gancho do anzol . . . . .	uaši raḡu (33)
Foice . . . . .	mae' raḡu (34)
Linha de pescar . . . . .	uaši ša
Espolêta . . . . .	maḡua ikre (35)
Rifle (carabina) . . . . .	maḡua
Bala . . . . .	maḡua te' (36)
Polvora . . . . .	maḡua de (37)
Tiro . . . . .	ikrōra

- 
- (27) Literal.: Tori — civilizado, branco; ktara — concha.  
 (28) Literal.: “Casinha dos ossos”.  
 (29) Literal.: “Canôa de fogo”.  
 (30) Cachoeira pequena.  
 (31) Literal.: “Filho da guerra”.  
 (32) Literal.: “Parecido com a morte”.  
 (33) Literal.: Gancho de anzol.  
 (34) Literal.: “mae'” — faca; raḡu — gancho.  
 (35) Ikre — que estoura, explosivo.  
 (36) Literal.: Semente de carabina.  
 (37) Literal.: carne de rifle.

### Ornamentos

Cintura . . . . .	ābu ode
Enfeito do braço . . . . .	deši
Chapéu . . . . .	tori ra (38)
Roupa . . . . .	te e' (39)
Camisa . . . . .	deoru
Sapato . . . . .	ua a (40)
Pente . . . . .	şıřo
Mascara . . . . .	jaso ö
Tambor (musica) . . . . .	kou ni
Boneca . . . . .	ritsoko
Busina (41) . . . . .	ājunona
Canto . . . . .	u-y-u

### Familia

Homem . . . . .	ābu
Marido . . . . .	riore tebö' (42)
Familia . . . . .	ua şarena
Pai . . . . .	ua řa
Sôgro . . . . .	ua riore labie (43)
Casamento . . . . .	ārabie
Avô . . . . .	laři
Mãe . . . . .	nadi
Sogra . . . . .	ua riore laři (44)
Avó . . . . .	laři
Menino . . . . .	ulado
Filho . . . . .	ua riore
Irmão . . . . .	nadi riore (45)
Cunhado . . . . .	ua riore lamatie (46)
Moço, rapaz . . . . .	ueriribo
Neto . . . . .	ua riore riore (47)
Genro . . . . .	ua riore lebo (48)

- 
- (38) Literal.: **cabêça de branco.**  
(39) Teke', na linguagem das mulheres.  
Literal.: **pele.**  
(40) Literal.: **"meu pé".**  
(41) Instrumento de musica feito de "cabaça".  
(42) Literal.: riore — pequeno; tebö — **velho.**  
(43) Literal.: **"Avô de meu filho".**  
(44) Literal.: **"A avó de meu filho".**  
(45) Literal.: **"Filho de minha mãe".**  
(46) Literal.: **"O tio de meu filho".**  
(47) Literal.: **"Meu pequenininho".**  
(48) Literal.: ua — meu; riore — pequeno; lebö — **preto.**

Irmã . . . . .	ua nadi riore (49)
Filha . . . . .	irari
Mulher . . . . .	ãuö (50)
Esposa . . . . .	riore se (51)
Cunhada . . . . .	ua riore ladír (52)
Moça . . . . .	jadoma (53)
Nora . . . . .	ua riorese iura (54)
Velho . . . . .	matuari (55)
Os "antepassados" . . . . .	matuari tebö'
Velha . . . . .	senado
Primo . . . . .	ua iši
Prima . . . . .	ua lerã
Neta . . . . .	ua ritsoore (56)
Viuva . . . . .	uiteşe
Tio . . . . .	ulabrí
Tia . . . . .	ladír ladír
Inimigo . . . . .	ořodo
Amigo . . . . .	ua rina
Estrangeiro . . . . .	torini
Branco (civilizado) . . . . .	tori
Preto (gente preta) . . . . .	ilebúk

Medicina — Religião

Medico . . . . .	ořoti bedu
Feiticeiro . . . . .	re'ri
Feiticeiro aprendiz . . . . .	re'ri tãmãra (57)
Remedios . . . . .	mona
Doença . . . . .	re'búna
Fumo . . . . .	oti (58)
Espirro . . . . .	atišo
Cachimbo . . . . .	ariqo (59)
Cigarro . . . . .	oti deni
Sombra . . . . .	ubroro

- 
- (49) Literal.: **Filha de minha mãe.**  
 (50) Na linguagem das mulheres se diz: **ãueke'.**  
 (51) Literal.: **Minha velhinha.**  
 (52) Literal.: **A tia de meu filho.**  
 (53) **jadokoma:** diz a mulher  
 (54) Literal.: **Minha branca pequenina.**  
 (55) **Matukari,** diz a mulher karajá.  
 (56) Literal.: **Minha bonequinha.**  
 (57) Literal.: **Feiticeiro palido (ainda fraquinho).**  
 (58) A mulher diz: **koți.**  
 (59) A mulher diz: **uarikoko.**

Retrato . . . . .	teḗ' tebö'
Voz . . . . .	reḇe
Sono . . . . .	tāy
Sonho . . . . .	raṣi

### Mamíferos

Macaco . . . . .	roḇi (60)
Morcêgo . . . . .	teḗreḗa (61)
Onça pintada . . . . .	āloḗ reḗi
Onça preta . . . . .	āloḗ leḇuk
Veado . . . . .	budoḗ
Lontra . . . . .	ḵure
Anta . . . . .	ōri (62)
Anta pintada . . . . .	aṣure
Capivara . . . . .	ue (63)
Paca . . . . .	ḗḗju
Quati . . . . .	tyuṣo
Tamanduá . . . . .	uariri
Porco do mato . . . . .	iṣā
Cavalo . . . . .	caḇaru
Vaca . . . . .	boḗoreḗni āue'
Cachorro . . . . .	oḗosa (ou) iḵoḗosa
Gato . . . . .	aloḗni ((64)
Rato . . . . .	luḗte'
Coelho . . . . .	kuḵā
Tatu . . . . .	oḗḗā
Tatu canastra . . . . .	binō-binō

### Passaros

Ovo . . . . .	ṣi
Passarinho . . . . .	nāuyki
Arara preta . . . . .	'arāra
Arara vermelha . . . . .	ādedura
Arara azul (canindé) . . . . .	biṣa
Periquito . . . . .	birini
Papagaio . . . . .	dāra
Tucano . . . . .	toriuā
Coruja . . . . .	obto (65)

- 
- (60) A mulher diz koḗbi.  
(61) O morcêgo grande, o vampiro, se diz uato, que quer dizer:  
(62) A mulher diz: kōri.  
(63) A mulher diz kue.  
(64) Literalmente: **Parecido com onça.**  
(65) *Glaucidium brasilianum*. (Gm.).

Papagaio verdadeiro. . . . .	biri'
Papagaio azul . . . . .	taṛaue
Curica . . . . .	ijaṛira
Marréca . . . . .	tonāraṛa
Curicaca. . . . .	kuka
Mutum . . . . .	uriti (66)
Jacú verdadeiro . . . . .	ārōre (67)
Jacubim. . . . .	ārōreni
Jacu tinga . . . . .	ārōre lebuk
Urubú . . . . .	raṛa
Urubú-rei . . . . .	raṛeṣa
Ema . . . . .	kuṣereue (68)
Seriema . . . . .	kuja-kuja (69)
Perdiz . . . . .	seriri
Pato . . . . .	elka reka
Pomba . . . . .	betue
Galo . . . . .	ānie ābu
Galinha . . . . .	ānie
Pinto . . . . .	ānie riore
Mangoari . . . . .	uṛari (70)
Colheireiro . . . . .	urare (71)
Gaivota . . . . .	nōtie (72)
Tetéo . . . . .	teruteuy
Massarico . . . . .	boi-boi
Jaburú . . . . .	uora
Garça . . . . .	ura ura (73)
Socó . . . . .	ura sia
Socó boi . . . . .	řõ y
Pavãozinho d'água . . . . .	bejue
Cigana . . . . .	raṛa'na (74)

**Peixes e reptís**

Peixe . . . . .	ktura
Espinhas . . . . .	ktura ti
Arraia . . . . .	boro (75)

- 
- (66) Nome cientif.: **Crax sclateri.**  
 (67) Nome cientif.: **Penelope.**  
 (68) Nome cientif.: **Rhea americana (Linn.).**  
 (69) Nome cientif.: **Carianus cristatus.**  
 (70) Kurari diz a mulher.  
 (71) Nome cientif.: **Ajaja-ajaja (Linn.)**  
 (72) Nome cientif.: **Sterma maxima (Bod.).**  
 (73) Nome cientif.: **Pilherodius pileat.**  
 (74) Espécie de Jacu pardacento.  
 (75) Nome cientif.: **Elipesurus.**

Tucunaré . . . . .	bēnora (76)
Pintado . . . . .	mnamna juē
Piranha . . . . .	jueta (77)
Piranha preta . . . . .	ře' re
Pacu . . . . .	ārina
Cachorra . . . . .	late (78)
Carí . . . . .	řu rie
Jacaré . . . . .	abiroro (79)
Tartaruga . . . . .	otuni
Jabutí . . . . .	otu bene
Matá-Matá . . . . .	uema (80)
Cobra . . . . .	remāla
Cascavel . . . . .	yeju
Sucuriú . . . . .	le'i
Rã . . . . .	kořiu řuju
Sapo . . . . .	a'ra
Lagarticha . . . . .	tōre koko

**Animais inferiores**

Vagalume . . . . .	urisa ni
Formiga . . . . .	oro bure
Cupim . . . . .	juu do odo
Mosquito . . . . .	mōrora
Mosca . . . . .	oro
Morissoca . . . . .	loko lebö'
Barata . . . . .	teřibrori
Abelha . . . . .	bi'di
Maribondo . . . . .	řopre'
Grilho . . . . .	teři ni
Carrapato . . . . .	orari
Piolho . . . . .	te'buru
Aranha . . . . .	kočuruku
Caranguejo . . . . .	odemari
Madreperola . . . . .	atara (81)
Lesma . . . . .	burú

**Qualidades de abelhas**

Bejuí . . . . .	oro bi'di oľbuk (82)
Mandaguari . . . . .	oro bi'di

(76) Nome cientif.: *Cicla temensis*.

(77) Nome cientif.: *Sera salmo*.

(78) Peixe do Araguaia.

(79) Kabiroro diz a mulher karajá.

(80) Nome cientif.: *Chelis fimbriata*.

(81) Ou então, ktara.

(82) Bejuí, Mandagoari, nomes da lingua tupí que passaram na linguagem do povo.

Jatay . . . . . ãuí kuta bi'di  
Tiúba . . . . . bi'di

Plantas

Arvores . . . . . uoru  
Raiz . . . . . uoru raruti  
Ramos . . . . . iro-ro  
Folhas . . . . . uoru rađe (83)  
Espiga . . . . . may ru  
Semente . . . . . uoru te'  
Resina . . . . . tãmãre  
Casca . . . . . te'e  
Flor . . . . . nõirişa  
Fruto . . . . . beđerate  
Rapadura . . . . . bidira  
Gramma rasteira . . . . . ãsi  
Assahí . . . . . abirini (84)  
Bacaba . . . . . õ meo (85)  
Milho . . . . . may  
Haste do milho . . . . . may lobro  
Grão de milho . . . . . may te'  
Mandioca . . . . . ãdiura  
Raiz de mandioca . . . . . ãdiura rute'  
Farinha de mandioca . . . . . ãnãde (86)  
Beijú . . . . . keroşu (87)  
Banana . . . . . jata  
Banana branquinha . . . . . jata tori ãuir  
Banana roxa . . . . . tori ojute  
Abacate . . . . . jata ni  
Batata . . . . . koteruti  
Inhame . . . . . kara  
Pimenta . . . . . aşiura  
Cáucho . . . . . uõrebrõ  
Feijão . . . . . omãta  
Amendoim . . . . . mate'ni  
Cacáo . . . . . otenişe  
Bambú . . . . . uõřõ rekã  
Tacuarí . . . . . retiua  
Cana . . . . . mayti  
Garrapa . . . . . mayti ruã

- 
- (83) Literalm.: Os cabelos da árvore.  
(84) Nome cientif.: *Euterpe oleracea*.  
(85) Nome cientif.: *Oenecarpus disticus*.  
(86) Kãnãde é mais comum. E' a pronuncia das mulheres  
(87) Bôlo de farinha de mandioca.

Urucu . . . . .	uorenã (88)
Melancia . . . . .	kubraka
Abobora . . . . .	toera
Cabaça . . . . .	re'ko
Timbó . . . . .	ãside
Jatobá . . . . .	uaõ (89)
Aroeira . . . . .	tšuerẽ (90)
Sambaíba . . . . .	õišo (91)
Páo Brasil . . . . .	terio
Páo d'Arco . . . . .	ãsiderio (92)
Angieo . . . . .	dešieni (93)
Embaúba . . . . .	ãso (94)
Piquisiro . . . . .	remaõ (95)
Sapucaia . . . . .	ãjure (96)
Goiaba . . . . .	ureõ (97)
Cedro . . . . .	oleõni (98)
Genipapo . . . . .	bidina (99)
Mangaba . . . . .	ure (100)

Números

1 . . . . .	sořodire
2 . . . . .	nați
3 . . . . .	nação
4 . . . . .	nãbiõa
5 . . . . .	iru're
6 . . . . .	daõ sořodire reuro (101)
7 . . . . .	daõ inați reuro (102)
8 . . . . .	daõ inação reuro (103)

- 
- (88) Nome cientif.: *Bixa orellana* (L.).  
 (89) Nome cientif.: *Hymenea strigonocarpa*.  
 (90) Nome cientif.: *Schinus terbintifolius*.  
 (91) Nome cientif.: *Cecropia concolor*.  
 (92) Nome cientif.: *Tecoma ipe*.  
 (93) Nome cientif.: *Piptadenia rigida*.  
 (94) Nome cientif.: *Cecropia*.  
 (95) Nome cientif.: *Cariocar brasiliensis*.  
 (96) Nome cientif.: *Lecytus ornigera*.  
 (97) Nome cientif.: *Sternocalyx sulcata*.  
 (98) Nome cientif.: *Cedrela fissilis*.  
 (99) Nome cientif.: *Genipa americana*.  
 (100) Nome cientif.: *Hancornia speciosa*.  
 (101) Literal.: Minha mão mais um (dedo).  
 (102) Literal.: Minha mão com mais dois (dedos).  
 (103) Literal.: Minha mão com mais três (dedos).

9 . . . . .	dabō inābioḡ reuro
10 . . . . .	dabō itueḡ (104)
11 . . . . .	ua a sořodire (105)
12 . . . . .	ua a inati
13 . . . . .	ua a inatāo
14 . . . . .	ua a inābioḡ
15 . . . . .	ua a irúre itueḡ (106)
16 . . . . .	ua a sořodire reuro (107)
17 . . . . .	ua a inati reuro
18 . . . . .	ua a inatāo reuro
19 . . . . .	ua a inābioḡ reuro
20 . . . . .	ua a itueḡ (108)
uma mão . . . . .	ua dabō (109)
As duas mãos . . . . .	ua dabō inati
Um amontoado . . . . .	ikdo
Muito . . . . .	sōer
Metade . . . . .	iratoko
Cheio . . . . .	rāšir
Tudo . . . . .	ibutū
O primeiro . . . . .	ikoma
O segundo . . . . .	reoma
O terceiro . . . . .	ijuleḡa
O quarto . . . . .	akilekefe
O quinto . . . . .	ijōlekire
O sexto . . . . .	tekilekire
O sétimo . . . . .	kiakire
O oitavo . . . . .	ijō
O nono . . . . .	reke
O decimo . . . . .	ikōnaḡa

### Pronomes

Eu . . . . .	dearā (110)
Tu . . . . .	kai
Ele . . . . .	teki
Ela . . . . .	teki
Nós (dois) . . . . .	inā bo ibutū
Vós . . . . .	kaí bo ibutū

- 
- (104) Literalism.: **Acabaram-se as mãos.**  
 (105) Literalism.: Meus pés mais um (dedo).  
 (106) Literalism.: Meus pés mais cinco.  
 (107) Literalism.: Meus pés mais seis.  
 (108) Literalism.: Acabaram-se os pés.  
 (109) Literalism.: Minha mão.  
 Mais comumente se ouve dizer: soe.  
 (110) A mulher diz: dikarā.

Este . . . . .	kua
Aquele . . . . .	kakieře
O mesmo . . . . .	tekile kieře
Meu arco . . . . .	ua šiuřate
Teu arco . . . . .	ã šiuřate
Teu fuso . . . . .	ã eșõdeo
Nossa casa (de dois . . . . .	řettore nã
A casa dêles . . . . .	i řettore nã

Adjetivos

Grande . . . . .	reķã
Pequeno . . . . .	riore
Alto . . . . .	irarie
Fundo . . . . .	bareķã
Redondo . . . . .	yuebeșe
Comprido . . . . .	ireře
Largo . . . . .	ibeșe're
Gordo . . . . .	yide reķã
Magro . . . . .	yiedekõre
Pezado . . . . .	yuytiere
Ligeiro . . . . .	berabi
Velho . . . . .	matukari
Velha . . . . .	senado
Calvo . . . . .	ira teķe' kõre (111)
Novo, moço . . . . .	itãmãrãre
Frio . . . . .	reřutete
Quente . . . . .	itot'ke
Sêco . . . . .	irebo
Humido . . . . .	iteķure
Põdre . . . . .	irore
Doente . . . . .	ibinãre
Morto . . . . .	rebu
Cego . . . . .	irueķõ (112)
Cançado . . . . .	eleriușãre
Surdo . . . . .	tořõtite
Mentiroso . . . . .	roșare
Mudo . . . . .	irubeõre
Bom . . . . .	ãuýre
Louco . . . . .	itsãtere
Máu . . . . .	ibinãre
Zangado . . . . .	tebure
Valente . . . . .	teburetitire
Covarde . . . . .	imãșare

(111) Literalm.: Não tem cabelo na cabeça, ou antes: sem a tolda, a barraca da cabeça.

(112) Literalm.: ruę — olho; ķõ (está por kõre) — não tem. (Sem olho).

### Côres

Branco . . . . .	yura
Preto . . . . .	ilebúk
Escuro . . . . .	ruou'
Sujo . . . . .	işu' işu'
Vermelho . . . . .	işo
Azul . . . . .	tāre
Verde . . . . .	tārel'bir
Verde (não maduro) . . . . .	ebā
Amarelo . . . . .	tāmāra
Claro . . . . .	iybo

### Tempo

Hontem . . . . .	kaur
Ante hontem . . . . .	kanaú
Amanhã . . . . .	rudibe' mā
Depois de amanhã . . . . .	kanaute
Hoje . . . . .	uydile
Depressa . . . . .	uymā
Sempre . . . . .	deākena
Agora . . . . .	da'ra
Logo, logo . . . . .	daşa'
Nunca . . . . .	āuōkōre
De manhã . . . . .	biuraşo

### Logar

A direita . . . . .	řuruéřebi
A esquerda . . . . .	řöu uéřebi
Aqui . . . . .	kakile
Em redor . . . . .	irörauóma
Acolá . . . . .	kuati
Por aqui . . . . .	ireřere
Perto . . . . .	iořóre
Para a frente . . . . .	ikóke
Para traz . . . . .	ireuékke
Deante . . . . .	ikóma
Atraz . . . . .	ifeue
Em cima . . . . .	byúke
Por cima . . . . .	iteřeke
Por baixo . . . . .	irauóke

### Verbos

Trabalhar . . . . .	auomāsādekā
Espirrar . . . . .	ratişe
Ficar . . . . .	arāríkře

Queimar . . . . .	aritenákre
Ficar pensativo . . . . .	ãrolákre
Comer . . . . .	birošíkre
Voar . . . . .	ruókre
Correr . . . . .	reákre
Ter medo . . . . .	laberúrerĩ (1)
Bocejar . . . . .	tařerisõnãrerĩ (1)
Mastigar . . . . .	ariãrerĩ (1)
Escarrar . . . . .	anatabenekre
Nascer . . . . .	ratebienékre
Dar a luz . . . . .	reara
Escutar . . . . .	ãrorolákre
Ter fome . . . . .	remãmanarúrerĩ
Tossir . . . . .	'auatõnere
Mascar . . . . .	řiorerĩ (1)
Roncar . . . . .	řeutenãrerĩ (1)
Chegar . . . . .	řemãnãrerĩ (1)
Rir . . . . .	ariçuẽnekre *
Viver . . . . .	iřare
Pintar . . . . .	riretínere
Costurar . . . . .	riretire
Falar . . . . .	rařubérarĩ (1)
Remar . . . . .	rãnařúnãrerĩ
Vêr . . . . .	biekre
Olhar . . . . .	areteřékre
Sonhar . . . . .	rařařinaķre
Dar . . . . .	biõkre
Assentar-se . . . . .	bunaķre
Dormir . . . . .	rõrõkre (113)
Bater . . . . .	biřetenekre
Afiar . . . . .	biçumãkre
Matar . . . . .	birãbunãkre
Estar triste . . . . .	bedererúrerĩ
Beber . . . . .	bemããriõkre
Batizar . . . . .	raã baë rejujúķre (114)
Disputar . . . . .	rebureréķre

(1) Está o verbo aqui na 1.<sup>a</sup> pessoa do indicativo presente. É costume do "índio" enunciar assim o verbo.

\* — O acento tônico está em ariçu(é)nekre.

(113) Notar a diferença entre: rõrõkre — dormir; rõřõkre — banhar-se.

(114) Nome inventado pelo índio karajã e que diz literalmente: derramar água na cabeça.

Inventaram, em mais, um vocábulo para designar o índio já batizado: ra sobein — literalmente: "cabeça bonita" — (alma embelezada).

Crescer . . . . .	raumanákre
Chorar . . . . .	tabúteri (115)
	— rařinãrerĩ (116)
Contar, numerar . . . . .	arirekíkcre
Mostrar . . . . .	ariteosinákcre
Cala a boca! . . . . .	rubę kōre (117)

Exemplos:

Eu corto com minha faca  
Arikō uā maę'  
Vou me embóra com meu irmão  
Dearã arákcre uā nađi riore  
Eu entro pela porta  
Ānãlókcre řetto ijo  
Combato contra os inimigos  
Dearã arebúkcre uā orodo (ou uodo  
Salto no rio  
Dearã areşekcre beřeoti

—(o)—

CURIOSA NOMENCLATURA DOS MESES DO ANO,  
OU ANTES, DE ÉPOCAS CORRESPONDENTES  
AOS NOSSOS MESES

JANEIRO . . . . .	maybã	
	— que quer dizer: “tempo do milho verde”.	
FEVEREIRO . . . . .	baę ba řã	
	— que significa: “tempo em que as águas param”.	
MARÇO . . . . .	baę reři	
	— que quer dizer: “tempo em que as águas co- meçam a baixar”.	
ABRIL . . . . .	ue' ra (1)	
	— que diz: “já tem praias”.	
MAIO . . . . .	rařado uebto (2)	
	— isto é: “a árvore (que o sertanejo apelidou barriguda) (3) já enflorou”.	
JUNHO . . . . .	rařado şe	
	— que quer dizer: “a “árvore” Barriguda ama- durece”.	

(115) Quando é a mulher que chora.

(116) Quando é o homem que chora.

(117) Literalm.: Nada de fala!

(1) Cf. pg. 25 uer'a — “sêca”, tempo das praias.

(2) rarado — significa: “comida de arara”.

(3) Nome cientif.: *Bombax ventricosa*.

JULHO . . . . .	kotuşi	— que significa: “ <b>ovos de tracajá</b> (tempo da postura das tracajás).
AGOSTO . . . . .	bedera derekã	— literalmente: “ <b>a fumaça é grande</b> ” (tempo das queimadas).
SETEMBRO . . . . .	kotunişi	— que quer dizer: “ <b>ovos de tartaruga</b> ” (tempo da postura das tartarugas, aninhadas nas praias do Araguaia).
OUTUBRO . . . . .	bae bā	— literalmente: “ <b>água nova</b> ” (Começou o Araguaia a encher).
NOVEMBRO . . . . .	kotuni riore	— literalmente: “ <b>tartarugas pequeninas</b> ” (saem dos ovos as tartaruguinhas).
DEZEMBRO . . . . .	baorá	— que significa: “ <b>cabêça d’água</b> ” (primeiras águas da enchente do rio).

.....

---

### NEOLOGISMOS NA LÍNGUA KARAJÁ

- Reotti lãuo — BARCO A GAZOLINA: Literalmente: **Canôa de fogo**”.
- Iueru ijuberẽle rená — GARRAFA; Literalmente: “**Casinha da cachaça**”.
- Iueru ijuberẽle — é também neologismo, composto de “iueru” (sorte de cauim, bebida karajá) e “ijuberẽle” — **azêdo**.
- Teke’ retĩ maaua — Assim apelida o índio o FOGUÊTE. Literalmente o neologismo significa: — “**Carabina de papel listrado**”.
- Maaua — “carabina, rifle.
- Retĩ — “listrado”.
- Teke’ — “pele, roupa” e no caso, papel que para o “índio” karajá se tornou: “**uma pele salpicada com manchinhas**”, (as letras). Justamente, com papel de jornal fabricam no “interior do País” os foguêtes. Na imaginação do karajá os sinais tipográficos do papel evocaram a lembrança das malhas e manchas do couro da **onça pintada**. Cf. Vocabulário; Pg. 30. (Aloe retĩ.
- Iueru lebuk — CAFÉ; Literalmente: “**Cauim preto**”.
- Tori ra — CHAPÉU. Literalmente: “**Cabêça de branco**”.

- Teķereřa deti — O GUARDA CHUVA. Literalmente: **Azas de morcêgo**".
- Taina ni — LAMPADA ELETRICA — Literalmente: "Parecido com estrêla".
- Reotti rena — Outro nome dado pelo índio karajá ao vêr pela primeira vez uma lampada eletrica. Literalmente quer dizer: "A casinha do fogo".
- Uomați cavarú — Nome inventado de subito ao avistar um karaja a bicicleta. Literalmente: "O cavalo de ferro".
- Tšuu — RELOGIO. Tšuu quer dizer "sol", na linguagem do índio da praia araguaiana. Vendo que o "relogio" servia para medir o caminho do sol, o karajá o chamou tambem "tšuu".
- Siura — O COLAR DE CONTAS. Literalmente: "Branco" (adjetivo) por: "contas brancas". Preferem tanto os karajás as "contas brancas", que toda "conta" é para a linguagem índia, "branca" — "siura". A mulher diz :si-kura". (Essa preferencia vem de certo de que a "conta branca" sobresái muito sobre o bronzado da pele do índio avermelhado do Norte).
- Koti řeotti — FOSFOROS. Literalm.: "O fôgo para o fumo".
- Teř' tarasana — RETRATO — Literalmente: "Pele que foi tirada". (Exterior da pessôa que passou no papel).

---

### AS QUATRO GRANDES FESTAS DA ALDEIA KARAJÁ

- Bidi' riore — FESTA DA ABELHA PEQUENA — Literalmente: Bidi — mel; riore — pouco. No mês de Agosto.
- Bidi rekā — FESTA DA ABELHA GRANDE — Literalmente: **Muito mel.** No mês de Setembro.
- Kotu riore — FESTA DA TARTARUGA PEQUENA — (Tempo das tartaruginhas.) Agosto.
- Kotu rekā — FESTA DA TARTARUGA GRANDE — Literalmente: **Muita tartaruga** (a pescar). Maio.

---

### NOMES DAS DIVERSAS CERIMONIAS DE DANSAS

- Kanā dura . . . . . Peixe araguaiano (Bicuda)
- Ariřa . . . . . Pacu (peixe)
- Tura . . . . . Pirarucu. (Bedoleke, outro nome)
- Otuni . . . . . Tartaruga

42  
Linguística

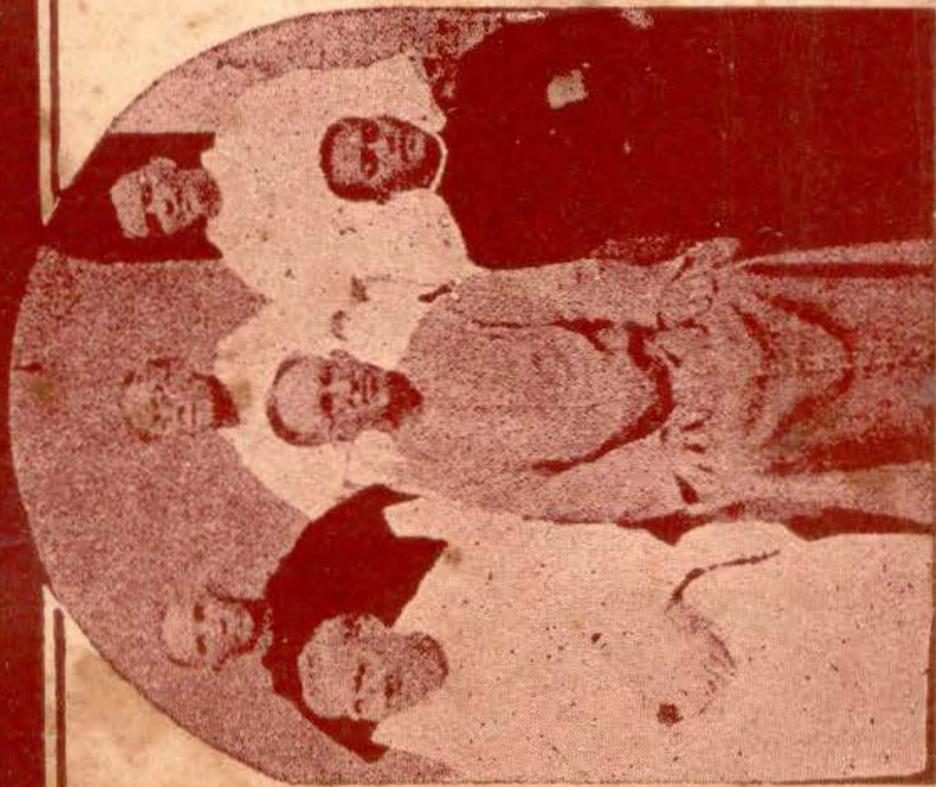
VARIOS NOMES DE PESSÔAS DADOS ENTRE OS KARAJÁS

(Nomes de índios conhecidos meus)

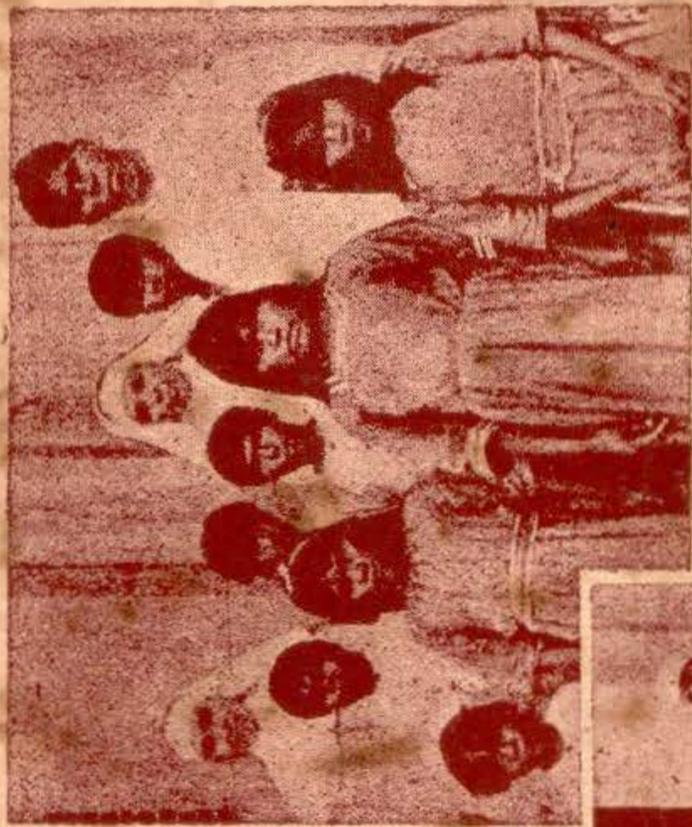
Malua . . . . .	significa:	Bezouro
Uaşure . . . . .	”	Anta pintada
Kukuşi . . . . .	”	Lagarticha
Ādedura . . . . .	”	Arara vermelha
Lařauare . . . . .	”	Maribondo
Uriřanē . . . . .	”	Vagalume
Ćimonia . . . . .	”	Arroz
Teřibre . . . . .	”	Cipó
Āřu . . . . .	”	Lago
Ua uaři . . . . .	”	Meu anzol
Itřeo . . . . .	”	Emblema funebre dos Karajás, sorte de boneco tosco coloca- do nas sepulturas.
Iřaualo . . . . .	”	Coité (Cabaça)
Mābiore . . . . .	”	(Interjeição) Ora essa!
Mař ru . . . . .	”	Espiga de milho
Beřura . . . . .	”	Panheiro alongado para carregar mandioca.
řatařa . . . . .	”	Banana madura
Bedeteke . . . . .	”	Literalmente: “Pano do ar” ou “Barraca do tempo”, expres- são que serve para indicar a atmosfera.

PRELAZIA DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA

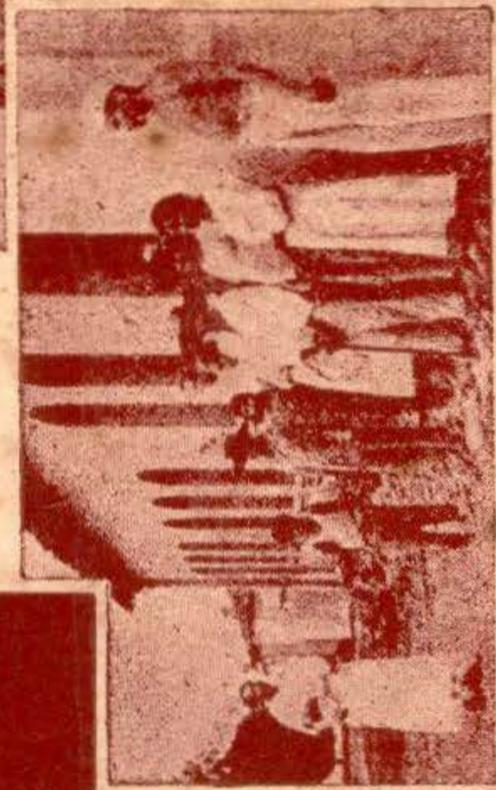
## Missão Dominicana do Brasil



TRIUNFOS  
DA  
CARIDADE

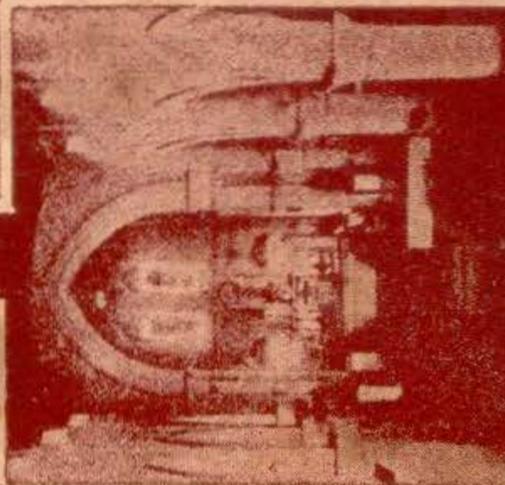


ALMAS  
REMIDAS



CRISTÃOS NAS  
SELVAS

EM LOGAR  
DAS  
MALÓCAS  
E  
TABAS,  
AS CONSTRUÇÕES MODERNAS  
E OS TEMPLOS GRANDIOSOS



CATOLICOS: UM PENSAMENTO EM FAVOR DAS MISSÕES. UMA ORAÇÃO GENEROSA PELAS MISSÕES.